

# Historia triste de um macaco

Por Berilo NEVES

O espectaculo que se me deparou esta manhã ao entrar no meu gabinete de trabalho transcende todos os horrores das tragedias shakespereanas. Ao evocalo-nesta hora ainda sinto, na espinha dorsal, esse longo FRISSON que antecede ou sucede as grandes catastrophes na vida dos homens. O caso é simples e conta-se em breves palavras. Ha dois annos, fazendo uma excursão no Amazonas, apanhei, com rara felicidade, um elegantíssimo exemplar de simio, uma especie de Brummel de cauda e fato MARRON. Tão lindo era o macaco (que logo baptisei com o nome de Tommy) que o consul inglez em Belem me offereceu por elle 100 libras — cem presumidas moedas de oiro, que rejeitei com orgulho e desdem.

Trouxe-o para o Rio, e installei-o em um quarto visinho do meu, dando-lhe uma cama branca laqueada, de solteiro (Tommy, macaco de juizo, nunca metteu a mão na combuca do casamento), e mais uma pequena bibliotheca, algumas carteiras de cigarros Abdulla, uma garrafa de WHISKY e varios livros de versos. Tommy andava vestido á ultima moda, e o seu fato predilecto era um jaqueta BOIS DE ROSE que o punha elegante e distincto como um secretario de embaixada. Com a sua cara esperta e bem cuidada, elle parecia, de lonje, um rapaz como outro qualquer — e uma moça da vizinhança chegou a tomar informações da nossa creada sobre o rapaz de BOIS DE ROSE, que usava monoculo e gostava de apreciar o pôr do sol, á janella. Como tantas veses, na vida, a moça só via um lado da verdade, e ignorava o outro, de onde emergia, como um symbolo diabolico, a cauda esguia de Tommy, distinctivo da especie dos simios. E Tommy teria conquistado algumas das mais boas «melindrosas» do Rio se eu lhe tenho dado a baratinha «Lancia», que me pediu...

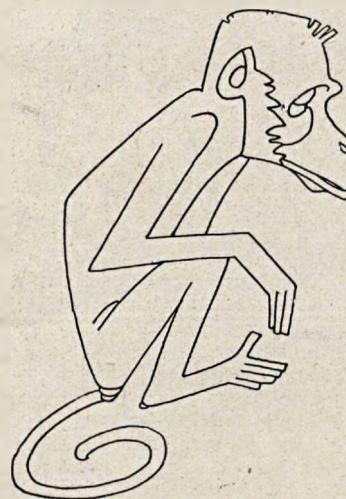
Depois da leitura dos jornais Tommy appareceu-me, uma manhã, profundamente triste. Perguntei ha se eram desgostos amorosos ou dificuldades financeiras (as duas razões supremas da desventura dos homens e dos macacos). Nem uma cousa nem outra. Chamei-o para o meu gabinete e pedi-lhe que me abrisse o coração como se falasse ao macaco seu pai. Tommy falou, enquanto

tirava, com displicencia, fumaças brancas do seu carissimo Abdula n.º 9:

— O sr. tem sido para mim o guia e conselheiro que encontrei na vida. Não teria coragem para occultar lhe cousa alguma da minha existencia, sobretudo neste momento em que uma grande desgraça paira sobre a minha raça...

— Temos alguma revolução contra a dynastia dos Tommies, na Amazonia?

— Nada disso, meu amigo, retrucou Tommy, batendo, com elegancia, o seu cigarro no cinzeiro,



para desbastar-lhe a ponta comburída. O facto é mais grave porque implica numa ameaça á nossa propria existencia juridica. Li, nos jornais desta manhã, a noticia da proxima chegada, ao Rio, de um sr. Voronoff, que promete a juventude ao homem ás custas da juventude dos macacos. Esse nome eu ja o tinha ouvido na Amazonia, pronunciado com odio pelos macacos mais velhos da raça. Mas nunca tinha imaginado que a ameaça se concretizasse, tão cedo, em realidade. Segundo tenho lido nos jornais e revistas estrangeiras, o tal sr. Voronoff arranca-nos as glandulas vitais para enxertal-as nos velhos libidinosos e cynicos que perderam, antes de tempo, a sua mocidade por effeito das extravagancias e dos peccados contra a naturesa. Qualquer individuo mais ou menos rico pode voltar ao esplendor da juventude ás custas

das nossas glandulas preciosas. Ora, que resultará dessa transposiçao biologica de fundo immensamente immoral? Prolongar-se-á a vida dos velhos indecentes e gosadres ao passo que se irá deprimindo e enfraquecendo, até o desapparecimento definitivo, a especie nobre dos macacos. Daqui a 100 annos não haverá nenhum macaco moço e saudoso como eu. Em compensação, os senadores da Republica, os banqueiros, os jornalistas de fama, os literatos gastos por todas as orgias do pensamento e da carne, poderão continuar a ser pervertidos durante mais 25 ou 50 annos. O sr. não acha isso injusto e amoral?

— Tens toda a razão, Tommy, e é muito nobre que tomes a defesa de tua raça, a mais intelligente das raças. Esqueces, porém, que está no proprio interesse dos homens vigiar pela perpetuação dos macacos em beneficio do genero humano, que delles precisa como de seu elixir de longa vida. Vocês vão ter parques de diversões, bibliothecas, facultades de philosophia, hospitais e sanatorios modelos, emfim, todo o conforto brilhante da civilisaçao...

— Diabos levem a civilisaçao e o seu conforto! bradou Tommy, perdendo, por um momento, a linha impeccavel da sua compostura. De que vale tudo isso se perdemos o melhor que é o direito de ser moço e de ser amado? Então, posso conformar-me com a idéa de que a minha belleza passe para um pluto-crata cheio de banhas e de syphilis, que compre a saude da mesma forma por que compra uma partida de bacalhao? E os direitos da especie não serão sagrados para todos? Não acredito que os homens sejam nossos parentes: nunca vi gente tão sem vergonha...

E Tommy levantou-se de golpe, com as narinas dilatadas pela emocioè e pelo odio aos homens. Deixei o recolher-se ao seu quarto, e apenas lhe mandei umas pastilhas calmantes, á base de valeriana...

Dahi a uma semana eu recebia, na minha casa, a visita do meu velho amigo Jacob Abensab, de origem judaica, e o homem mais rico da rua da Alfandega. Jacob Abensab, que me levou um rico tapete turco, de estranhos arabescos e finissimo tecido, vinha propôr-me a compra de um macaco que sabia

existir na minha casa ha alguns annos. Tinha a encrmenda de um macaco novo e sadio, fosse por que preço fosse... Desenganei-o logo ás primeiras palavras, dizendo lhe que o Tommy era um macaco de estimação, mais do que isso — um amigo dedicado, que eu educava para apresentá-lo, mais tarde, á nossa sociedade. Para isso ensinara-lhe historia, literatura, varias línguas estrangeiras, e a prática dos desportos mais elegantes da época. Nunca o venderia. Com o seu fino nariz judaico aguçado pelo negocio, Jacob ofereceu-me 20 contos pelo macaco. Fiquei ligeiramente comovido, mas recusei, com altivez. Jacob partiu.

Hoje, ao desdobrar, pela manhã, o jornal do dia, á mesa do café, a

creada veiu chamar-me com os braços levantados, numa grande expressão de horror.

— Que ha, Maria?



— Tommy, senhor, o Tommy! E soluçava forte, a desgraçada.

Corri ao quarto de Tommy. Encontrei o pendurado á bandeira da porta com o lençol enrolado no

pescoço. Tomei-lhe o pulso. Estava morto. Em cima da sua secretaria côn de rosa havia um bilhete com estas palavras apenas:

«Meu caro amigo.

Ouvi a sua conversa com o Jacob. Obrigado pelo seu desprendimento. Deu-lhe um prejuizo de vinte contos, mas salvou-o do remorso de me vender, mais tarde, a outro judeu, por vinte e cinco contos. Adeus

Tommy».

Nunca mais terei amizade a macacos. Gente ingrata!

BERILO NEVES

## LARGO DO MACHADO



INSTANTANEO